

MOLLY

Barbara Baumgardner

Em HUMANE SOCIETY OF CENTRAL OREGON NEWSLETTER

[DIÁRIO DA SOCIEDADE HUMANITÁRIA DA REGIÃO CENTRAL DE OREGON]

Quando levo Molly para dar uma volta, sou muitas vezes abordada por pessoas que dizem que um dia tiveram um cão de raça - golden retriever. Chamo essas pessoas de corações afins, pois parece que não fazem objeção ao fato de Molly deixar pêlos ou babar em suas roupas sempre que paro para bater um papinho com elas. Os corações afins são muito mais tolerantes com os cães desgrehados, que soltam pêlos e babam - e, geralmente, com as pessoas também. Molly está aprendendo a descobrir esses corações afins quando visitamos asilos, casa para crianças em custódia e hospitais.

Não tinha muita certeza de que Molly, com apenas 18 meses, fosse capaz de ficar calma o suficiente para torriar-se um "cão visitante" no programa da Sociedade Humanitária. Ela é uma golden típica: afetuosa, mas ativa, sempre abanando a cauda e pronta para brincar. Tom Davis a descreve muito bem em seu livro [Apenas Golden], quando diz que "os golden são imaginativos, meigos, inimigos da rotina... cheios de peculiaridades, apreciadores de brincadeiras e com muitas surpresas... e que certamente você gostaria que um golden desse uma festa, pois em apenas algumas horas dessa festividade ele já seria o centro das atenções".

A Molly é assim: o centro das atenções.

Ela não tinha muita certeza de qual seria seu papel quando começamos a realizar nossas visitas programadas. Ela se agitava e batia com a cauda em todos à sua volta; um cão que abana a cauda com tamanho ímpeto e força pode machucar alguém ou derrubar tudo o que estiver sobre qualquer mesinha de centro. Pobre Molly, ainda achava que era possível aconchegar-se no colo das pessoas, mas as que visitávamos, ou estavam debilitadas demais pela saúde frágil ou eram muito pequenas para dar-lhe colo. Entretanto, como todos os golden Molly tinha esse desejo inato de querer agradar-me. À medida que atendia e dava atenção às pessoas, ela percebeu que, caso se sentasse, algumas pessoas poderiam fazer-lhe agrados ou, melhor ainda, abraçá-la. Havia momentos em que deitava sua cabeça sobre um colo acolhedor.

Outro dia, em uma de nossas visitas, ela se comportou de forma bem profissional. Estávamos em um centro de tratamento, na ala destinada às pessoas que necessitam de muita ajuda. Uma mulher, presa à cadeira de roda, parecia tão ausente e distante que quase passamos por ela sem notá-la. Tinha as mãos aleijadas, retorcidas; sua cabeça pendia para o lado e seus olhos estavam fechados. Molly parou, e eu também.

A mulher, quando coloquei minha mão sobre o seu braço, respondeu ao meu toque. Então, peguei aquela mão retorcida e a coloquei sobre o dorso de Molly, para que ela tocasse seu pêlo macio. Quando sua mão, guiada pela minha, acariciou a cabeça de Molly, a mulher abriu os olhos e começou a sorrir. Logo ela estava totalmente alerta e ria como uma criança, à medida que continuei a passar a mão dela sobre o corpo de

Molly, que se sentou próximo à mulher e colocou a cabeça sobre aquelas pernas presas à cadeira de rodas. A seguir, a mulher, sem ajuda

alguma, conseguiu inclinar-se para a frente a ponto de ser capaz de envolver o pescoço de Molly com seus braços. Os risos de euforia dela chamaram a atenção das enfermeiras que estavam por perto. Essa mulher não era capaz de falar, mas foi capaz de transmitir seu coração afim, ao dar amor por meio do toque, da mesma maneira como Molly fazia.

Molly e eu visitaremos novamente essa mulher. Acho que Molly finalmente compreendeu que, quando faz essas visitas, ela

precisa deixar de ser o centro das atenções para ser apenas uma simples coadjuvante da alegria e da luz.